

# UMA VILA ENTRE BAUMAN E SLOTERDIJK<sup>44</sup>

*VILLAGE BETWEEN BAUMAN AND SLOTERDIJK*

Fagner Torres de França<sup>45</sup>

## RESUMO

O objetivo do trabalho é tentar fazer o diálogo entre reflexões de dois autores. Peter Sloterdijk (2004; 2008) e Zygmunt Bauman (2000; 2001; 2007). Sobre o primeiro, tentaremos percorrer os caminhos de sua esferologia com ênfase específica em uma de suas fases: a construção das cidades-impérios, morada de Deus, reis e imperadores, cercadas por grossos muros de proteção e ornadas por imponentes torres de vigilância, promotoras, na verdade, de uma estética-força, procurando, em todo caso, diluir a insegurança humana frente a um exterior ameaçador. No caso de Bauman, trataremos do seu conceito de “comunidades fechadas”. A recriação das comunidades atuais figuram no que o autor chama de comunitarismo, ou seja, uma espécie comunidade pervertida, de moldes fascistas, prontas a expulsar ou exterminar quem nela não se enquadra. Veremos como essas idéias podem se cruzar ao aplicá-las no filme *A Vila* (2004).

**PALAVRAS-CHAVE:** Bauman. Sloterdijk. Comunitarismo.

---

<sup>44</sup> Este trabalho foi elaborado como pré-requisito para aprovação na disciplina Tópicos Avançados em Ciências Sociais: Para uma Teoria Filosófica da Globalização, ministrada pelos professores Aldo Aluísio, Alessandro Galeno e Orivaldo Lopes, no PPGCS da UFRN, no período de 2010.1.

<sup>45</sup> O autor é formado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela UFRN, com mestrado em Ciências Sociais pela mesma instituição.

## 1 INTRODUÇÃO

Bauman (2001) postula um paradoxo na “construção” das comunidades modernas, baseado justamente em sua “liquefação”. Daí surge o comunitarismo, ou seja, tentativas desesperadas de escapar à fragmentação da experiência humana na Terra e o afrouxamento dos laços sociais que antes mantinham mais rígido o tecido social, hoje em franco processo de esgarçamento. Na verdade, para ele, a questão recai sobre o “crescente desequilíbrio entre a liberdade e as garantias individuais” (2001, p. 195). Esse tema (ou uma variação dele) já havia sido tratado por outro ângulo em um livro anterior, chamado *Em busca do Político*. Nele, o autor analisa uma contradição aparentemente insolúvel entre a conquista de direitos políticos e a crescente sensação de impotência em mudar os rumos político-econômico-sociais de uma nação, acrescentando-se aí uma quase completa indisposição em fazê-lo.

Portanto, o contra-senso do comunitarismo diz respeito à fragilidade e a transitoriedade dos laços humanos como “um preço inevitável do *direito* de os indivíduos perseguirem seus objetivos individuais” (p. 195, grifo do autor), mas a própria consequência desse movimento resultaria na impossibilidade – ou pelo menos na dificuldade – de fazê-lo. Para fundamentar sua afirmação Bauman recorre, entre outros, a Hobsbawn, para quem “a palavra ‘comunidade’ nunca foi utilizada tão indiscriminadamente quanto nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico se tornaram difíceis de encontrar na vida real” (*apud* Bauman, 2001, p. 196). A identidade seria, então, uma reação ao colapso das comunidades. Nesse sentido, a busca pelo comunitarismo, uma espécie de ideal comunitário enlouquecido, acontece porque

todo o resto é irrelevante; mais exatamente, hostil – um ermo repleto de emboscadas e conspirações e fervilhante de inimigos que brandem o caos como sua arma principal. A harmonia interior do mundo comunitário brilha e cintila contra a escura e impenetrável selva que começa do outro lado da estrada. É lá, para esse ermo, que as pessoas que se juntam no calor da identidade partilhada jogam (ou esperam banir) os medos que as levaram a procurar o abrigo comunitário. (BAUMAN, 2001, p. 197-198).

Na verdade é difícil, segundo Bauman (2000), localizar precisamente as modernas fontes de insegurança. Mesmo assim o professor polonês não se furta a tentar uma resposta: a insegurança é fabricada, jaz na imaterialidade poderosa do sistema financeiro, sua vertiginosa velocidade, sua capacidade de viajar o mundo todo em poucas horas e arrasar a economia de um país em alguns poucos lances; a insegurança mora na precarização dos contratos e condições de trabalho, no desemprego crescente, na aceleração da vida e na ausência de um agente forte capaz de garantir um alicerce estável.

Nesse contexto, “a ansiedade é difusa e o medo resultante pode facilmente ser atribuído a causas erradas e levar a ações que evidentemente nada têm a ver com a verdadeira causa” (2000, p. 26). Daí a razão de procurarmos culpados (herança católica) no peso extra que precisa ser eliminado, ou no fumo, na bebida e na má-alimentação que devem ser evitados a todo custo em nome de uma segurança que nem sabemos direito onde encontrar. De outro lado, a busca de modelos de comportamento principalmente advindos do *star system*, a procura gregária nos cultos religiosos, torcidas organizadas, ou em grupos remanescentes de ideologias falidas, os condomínios fechados, os muros, as grades e as câmeras de vigilância espalhados por toda parte no intuito de nos proteger de um vazio que, no fundo, é da ordem do existencial.

Esta é a possibilidade de análise aberta quando compreendemos a questão da “ansiedade difusa” no sentido mesmo de uma busca por uma segurança que nos foi dada anteriormente, talvez ainda no útero, na primeira infância ou em alguma outra experiência primária. Em Heidegger, o medo traduz o sentimento originário do ser intramundado, que sente a sua existência como ameaçada e, por isso mesmo, faz parte da existência, acompanhando-a sempre. São a angústia e o medo como sentimento da situação originária descrita pelo filósofo alemão, talvez pelo fato de sermos projetados no mundo sem que, de fato, pudesse ter havido escolha de nossa parte. Dessa forma, o sentimento de abandono e solidão acompanhariam, portanto, nossa existência, indicando um eterno vir-a-ser que precisa ser construído diariamente.

É nesse sentido que, ao escrever uma espécie de “genealogia” das esferas, Sloterdijk (2004) reconstrói o modo como a raça humana vem, através dos tempos, formulando as coberturas que lhe garantiram, em muitas épocas,

proteções contra um exterior/interior desconhecido, em que pese o fato sintomático de que a busca por afirmação é a denúncia de nossa própria impotência. Essas “redomas”, que já foram metafísico-teológicas, assumiram formas de muros e cercas, *welfare state* e terminaram por montar abrigo no ser, agonizam na ontofobia das imunodeficiências adquiridas psicocologicamente.

De fato, a insegurança é ontológica e deve ser vivida plenamente no próprio ser, com toda sua força ambivalente, sem muletas. Essa seria uma das saídas. Em todo caso, propomos a convergência entre Bauman (2007) e Sloterdijk (2004) no entrecruzamento de dois diagnósticos semelhantes mas aplicados em casos diferentes na busca de imunidade e insegurança: a cidade-Deus deste e as comunidades fechadas daquele. A primeira oferecia proteção na Antiguidade, como uma “hipótese de eternidade” (SLOTERDIJK, 2004, p. 237)<sup>46</sup>. Estas últimas são aparentemente o último refúgio no jogo de gato e rato entre viver e morrer na Modernidade.

## **2 A CIDADE-DEUS**

Sloterdijk descreve as cidades antigas, de muros altos e imponentes, impenetráveis, soberanos, como um “fenômeno-habitáculo que quer obrigar aos observadores a confiar em seus olhos” de modo que criam no “raio teológico-imperial caído no centro da cidade mental”. (p. 239). Na cidade-Deus antiga “política, arquitetura e teologia se unem em um projeto comum macroesferológico” (p. 241), formando um coerente sistema de imunidade. A união desses projetos é necessária pelo fato de que a construção de muros deve ser seguida pela demarcação também de limites mentais entre o “nós” e o “eles”. Com o tempo, a cidade se transforma na morada de Deus quando, nos impérios antigos, soa a “hora das teologias murais” (p. 244).

As cidades, portanto, transformam-se em cidades-espetáculo, dentro das quais se desenvolveria o projeto de segurança. Aparência e exuberância assumem uma função de estética-força ainda mais importante que a militar, pois, além de intimidar, cultivava em seus habitantes um sentimento extra de

---

<sup>46</sup> As traduções do espanhol para o Português são livres e de responsabilidade nossa. Serão mantidas em todas as citações referentes a Sloterdijk daqui para frente.

orgulho, proporcionado pelo interior arquitetônico e sua projeção ameaçadora sobre aqueles que, também em busca de Deus, procuravam atravessar domínios privilegiados do habitáculo divino.

A concretude das muralhas e proteções como conteúdos preenchidos de Deus empresta às crenças antigas uma capa de racionalidade em virtude da visibilidade e possibilidade de medição dos empreendimentos, garantindo uma sensação mais palpável de imunidade. Assim como atualmente os novos impérios e seus concorrentes disputam o sucesso de abrigarem os maiores edifícios/torres do mundo, como símbolo de *status*, poder e confiança, em honra de sua *hybris* moderna, ou seja, arranha-céus que denunciam a presença permanente de um novo Deus-mercado aparentemente inexpugnável<sup>47</sup>, as antigas muralhas dão aos seus protegidos a sensação duplamente satisfatória tanto de estar seguro quanto de serem capazes de construir a sua própria proteção.

Os crentes em Deus e em construtores descobrem na âmbito da experiência de construir e conformar com argila o conforto cognitivo irresistível de sentir-se compreendidos por seu produtor, e somente por esse conforto se faz possível o distanciamento dos deuses astrais irracionais, obscuros, sedentos de oferendas de sangue; os claros deuses-engenheiros adquirem preeminência frente a Molocs opacos: este é o logro histórico universal dos impérios construtores mesopotâmicos. (SLOTERDIJK, 2004, pp. 250-1).

A “teotécnica”, pois, dá a idéia de que os homens participam na vontade de seu próprio Deus, isto é, são instrumentos da interferência sublime nesse duplo processo de produção da existência humana/divina. Esse “através de”, como explica o autor de Palácio de Cristal, é o ponto de entrelaçamento entre os poderes transcendente e imanente, pois, a partir daí “os construtores, os senhores da guerra e os príncipes explicaram seus êxitos durante a era metafísica inteira mediante este esquema” (2004, p. 255), do Ser Supremo agindo por meio de escolhidos. A construção seria uma manifestação de Deus.

---

<sup>47</sup> O fato de o atentado contra as torres gêmeas do World Trade Center em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001, não ter aparentemente abalado a confiança dos EUA e dos norte-americanos em seu poderio, deve-se, em nossa interpretação de Sloterdijk, à hipótese de que a manifestação estética nada mais é que um reflexo do ser, pois a geografia é existencial, e a forma como o “eu” organiza as coisas para ter de ser é o fato geográfico por excelência, pois quando “eu sou”, eu necessariamente crio o mundo. Claro que podemos somar a esta sensação vários outros fatores, pois o próprio acontecimento em si parece ter sido um signo sem referente, ou seja, desprovido de significado ou explicação, o que deu ensejo a várias teorias da conspiração e manipulação de informações. Mas isso já foge ao nosso intuito.

O paradoxo desta situação já foi esboçado mais acima em nossas considerações sobre Heidegger e Bauman, acerca da insegurança ontológica, no primeiro, e na busca do comunitarismo, no segundo. Sloterdijk (2004) vai observar, por meio de Epicuro, que “os seres humanos podem defender-se contra a maioria das coisas, mas frente à morte todos vivem em uma cidade sem muralhas”. Radicalizando esta afirmação, diríamos que, assim como ninguém pode dizer “eu” em nosso lugar<sup>48</sup>, também não podemos viver nossas ansiedades por interposta pessoa, ou seja, por trás de todas as muralhas, é o quarto escuro e o travesseiro que, à noite, acolhem a incerteza de nossas vidas e, por muitas vezes, acompanham nossa vigília em completa incomunicabilidade, enquanto, segundo Augusto dos Anjos, um morcego sobrevoa nossas cabeças: “A Consciência Humana é este morcego!/ Por mais que a gente faça, à noite, ele entra/ Imperceptivelmente em nosso quarto!”

(Com o tempo, percebe-se que “a segurança dos habitante de uma cidade não cresce proporcionalmente à largura de suas fortificações” (SLOTERDIJK, 2004, p. 263); o gigantismo mural sendo surpreendido mesmo como um sintoma ontológico de crise, pois a idéia do grande precisa ser traduzida no interior como algo que se possa compreender, e sua obrigação passa a ser “defender a utopia da comunidade compacta em uma forma imperial de mundo” (p. 265). Na “fusão” rei-Deus, verifica-se paulatinamente a passagem do império do muros para o império do político, o cercamento imaginário do Estado-Nação e sua simbologia de identidade unificadora. Talvez por isso algumas cidades antigas tenham renunciado ao artifício da construção das muralhas, pela consciência do sua função imunizadora mental mais que militar, o que deu início a um processo de transferência esferológica para outro âmbito da vida, inclusive denunciado o domínio dos príncipes e reis-deuses e, no limite, a mundaneidade do poder e seus pés de barro, preparando a fragmentação da crença).

Ao fazermos a comparação entre as antigas cidades amuralhadas e as comunidades fechadas modernas podemos, então, compreender estas últimas como a reconquista cética da segurança ontológica em um espaço mais

---

<sup>48</sup> Algumas informações do texto foram retiradas de apontamentos de sala de aula na disciplina Tópicos Avançados em Ciências Sociais: Para uma Teoria Filosófica da Globalização, ministrada no período 2010.1 no PPGCS da UFRN pelos professores Aldo Aloísio, Alexandro Galeno e Orivaldo Pimentel. Tal fato dificulta a indicação da referência bibliográfica de alguma afirmações.

compacto porém sem Deus. Veremos, mais à frente, se tal objetivo foi conquistado. Mas, por enquanto, podemos pelo menos observar duas conseqüências semelhantes dos dois amuralhamentos. Ambas as idéias pretendem afirmar a primazia do interior contra o exterior, do “nós” contra o “eles”, do conhecido contra o desconhecido, do igual contra o estranho, do uno contra o múltiplo. “A partir de agora, aí fora só transitam quimeras, a substância verdadeira vive dentro, no espaço próprio, sereno. Aqui se incubam os seres humanos a si mesmos como em um útero artificial” (p. 270). A uterotopia, na forma de uma uterotécnica parece ser um traço fundamental da condição humana na terra e que irá atravessar os séculos com uma força sempre renovada.

### **3 COMUNIDADES FECHADAS**

Segundo Bauman (2007), as “comunidades fechadas”, modernas fortalezas defensivas com “exército” próprio de segurança, alarmes e muros e uma vida interna autônoma (e segregada) são cada vez mais populares. Somente nos Estados Unidos, já somam mais de 20 mil, acomodando 8 milhões de pessoas. Numa busca incessante por segurança, “O significado de ‘fechada’ torna-se cada ano mais elaborado: um condomínio da Califórnia chamado Desert Island<sup>49</sup>, por exemplo, é cercado por um fosso de 25 acres” (2007, p. 98).

Segurança e qualidade de vida são as principais vantagens elencadas por aqueles que procuram os condomínios fechados para viver com a família<sup>50</sup>. Mas para Bauman (2007), o oposto de sentir-se seguro não é a insegurança, mas sim o tédio, com resultados desastrosos: a superabundância da pós-história e do superconsumo canaliza para a destruição o sentimento confortável de não haver mais o que construir (SLOTERDIJK, 2008).

---

<sup>49</sup> O próprio nome do projeto, Ilha Deserta, é sintomático. Ninguém (ou pouca gente) poderia viver uma vida feliz, tranqüila e solitária em uma ilha deserta, prescindindo da companhia de outros seres humanos. Tanto não pode como é raro vemos isso acontecer. Fica então a denominação do condomínio como um sonho de purificação experimentado mas não realmente desejado, pois a proximidade com os “outros” é o que nos faz reconhecer quem nós somos. E numa ilha deserta não seríamos ninguém. O alferes do conto “O Espelho”, de Machado de Assis, pelo menos tinha a farda e um espelho para reconhecer-se no lugar ermo e solitário onde se encontrava, sem os quais provavelmente enlouqueceria. (Nota Nossa)

<sup>50</sup> Fonte: Revista Viver. [www.revistaviver.com.br/blog/?p=12](http://www.revistaviver.com.br/blog/?p=12). Acesso em 30/06/2010.

Bauman indica duas características principais das comunidades fechadas. A primeira, desconcertante, é que elas projetam sua própria *invisibilidade* social justamente pela segunda especificidade, a capacidade de *intimidação*. Os homens armados e ameaçadores em guaritas esculpidas em poderosas muralhas de concreto e aço desviam o olhar dos desejosos e invejosos e, numa versão moderna da entrada do inferno de Dante, seus portões pontiagudos poderiam muito bem sustentar os dizeres: “Abandonais todas as esperanças vós que aí fora estais. Aqui não há acolhimento possível”.

Se levarmos em consideração o dado de que durante toda a história da humanidade pouca gente há de ter se sentido plenamente seguro e tranquilo, é certamente sintomático o fato de algumas pessoas, principalmente em declarações veiculadas pela mídia, recorrerem à “antigamente” ao buscarem explicações para suas escolhas em viverem segregadas de outras. Como indica a reportagem da Revista Viver,

O conceito do condomínio fechado vem realizando o sonho de muitas famílias, inclusive da classe média, de ter o privilégio em pleno século XXI de voltar ao passado e reviver aquele estilo de vida que ficou para trás. O crescimento pela procura pelos condomínios fechados demonstra um indicativo nos dias atuais: o resgate de viver bem com segurança e tranquilidade<sup>51</sup>.

No mínimo paradoxal descobrir que aqueles que buscam proteger-se do medo acabam impondo-o a outras pessoas, por meio de um arquitetura da intimidação em nome de uma convivência fascista entre iguais. E essa assepsia dos elementos estranhos, para Bauman, priva a vida do que nela há de mais substancial. “O problema, porém, é que quando a insegurança se vai, a espontaneidade, a flexibilidade, a capacidade de surpreender e a oferta de aventuras, principais atrações da vida urbana, também tendem a desaparecer das ruas da cidade” (BAUMAN, 2007, p. 101). Ora, se o estranho incorpora o risco, não há como viver sem risco. Ou melhor, existe a possibilidade, mas dela é afastada as chances de ganho e triunfo. Sem risco, mata-se o espaço público. Pois é a

tendência a se retirar dos espaços públicos e recolher-se a ilhas de mesmice que com o tempo se transforma no maior obstáculo ao convívio

---

<sup>51</sup> Revista Viver.

com a diferença – fazendo com que as habilidades do diálogo e da negociação venham a definhir e desaparecer. É a *exposição à diferença* que com o tempo se torna o principal fator da coabitação feliz, fazendo com que as raízes urbanas do medo venham a definhir e desaparecer (BAUMAN, p. 103, grifos do autor).

O resto é mais do mesmo, como veremos à seguir na análise do filme A Vila.

#### **4 A VILA**

*“No fim, é isso que preservamos aqui – a inocência”.*

Não por acaso, A Vila se inicia com uma cena de perda, dor e luto: a morte “é o primeiro estressor de esferas e artífice das culturas (...) Somente um sistema de coexistência de mortos e vivos tem ontologicamente caráter de mundo.” (SLOTERDIJK, 2004, p. 152). Tal fato suscita, no contexto do filme, um excitante caráter paradoxal. Pessoas que buscam numa comunidade fechada resolver os problemas de suas vidas conquanto são obrigadas a conviver eternamente com o maior deles: a finitude da própria existência. Ou seja, mesmo sob aparente segurança, a morte e o mal atuam como “consolidador de primeira instância”, ou seja, um elemento de união, embora não se trate ainda, no caso da película, de um assassinato primordial – que vai ocorrer.

O filme, escrito, produzido e dirigido por M. Nighth Shayamalan trata da recriação de uma comunidade tradicional no início do século XXI. Para conquistar tal objetivo, um grupo de anciãos - na verdade professores e profissionais liberais americanos que viveram perdas e dores em comum causadas pela violência e estilo de vida das grandes cidades – decide mudar-se para uma reserva florestal pertencente à Edward Walker (William Hurt), o qual, por possuir grande poder econômico, mantém um sistema de vigilância externo para evitar invasões e conseguiu, inclusive com apoio das autoridades locais, mudar a rota de aviões que cruzassem o local. A idéia era fazer com que as novas gerações, completamente isoladas e ignorantes quanto à origem da comunidade, acreditassem realmente viver em um século distante.

Para essa crença ganhar status de verdade irretocável, foi preciso ainda criar toda uma cosmologia (uma microesferologia) para garantir uma história coerente, incluindo mitos e tabus, com o objetivo de incutir o medo da desagregação comunitária e afastar as pessoas da consciência do inferno de serem sós. A vila retoma os trajes e costumes de épocas passadas, e age com uma postura anti-iluminista no sentido de crer no “progresso” como algo prejudicial à raça humana. Por isso, a vila mal dispõe de luz elétrica: seus habitantes são adeptos da “pureza” do homem. Pouco restou do que hoje chamamos de civilização moderna.

Embora crianças corram e gritem a todo instante, jovens flertem, namorem e casem com normalidade, adultos trabalhem e mulheres cuidem da casa, respeitando uma cadeia hierárquica de estilo patriarcal, branco e protestante, sente-se a todo instante a tensão nos adultos sobre a incerteza da decisão tomada, ou mesmo a melancolia. O que fica claro quando um dos personagens, August Nicholson (Brendan Gleesson) denuncia, tomado por uma profunda nostalgia, que “você pode fugir da tristeza, como nós. A tristeza encontrará você. Ela pode fareja-lo”.

A distância entre o “nós” e “eles” faz com que não se pronuncie seus nomes, dos que ficaram, como se a destruição das palavras pudesse operar também sobre a memória: sem o nome, a coisa não existe. “Aqueles de quem não falamos” se transforma em apanágio de todo o perigo do qual a comunidade estaria imune. E cumpre o seu papel, por ser bastante difuso e incerto. O mal pode estar em lugares, pessoas, monstros, atitudes, pensamentos, no além... Mas vez por outra, a “coisa” vêm à mente: “as cidades são lugares maus, onde pessoas más vivem”, um dos principais ensinamentos passados de pai para filho no processo de socialização.

Os mitos e tabus entram na composição cosmológica local no sentido de impedir o esfacelamento das crenças. “Aqueles de quem não falamos” habitam a floresta Covington, são monstros de garras enormes vestindo um manto vermelho (a cor do mal), ameaçando qualquer um que se aventure a cruzar a linha demarcatória circular (substituto das muralhas) limitada por chamas e torres de vigilância. Em verdade, são os próprios anciãos os responsáveis pela farsa, a qual não se furtam a, quando preciso, ir longe demais. Ao menor sinal de que os limites foram ultrapassados pelos cidadãos, a comunidade é invadida

por monstros escarpadores de animais, no intuito de levar o pânico e, conseqüentemente, a coesão aos habitantes da vila. O medo une e submete. Mas o objetivo principal é fazer com que ninguém jamais atravesse Covington e chegue à cidade, pois a constatação da realidade denunciaria a criação imperfeita, pondo em cheque aquilo contra o qual todos lutam: viver é perigoso, mas o é em qualquer lugar.

O mais revelador da ambigüidade do projeto é que o isolamento social não modifica a consciência humana, que precisa ser reprimida a todo instante. Por isso a fala do senhor Walker: “Partimos na esperança de algo bom e correto. (...) Somos motivados por esperança, essa é a beleza desse lugar”; e a lucidez de August Nicholson: “Não podemos evitar o sofrimento. Sofrimento é parte da vida, sabemos disso”.

Mas apesar das muralhas mentais, na latência do sentimento ainda pulsava àquilo que poderia reintegrar à comunidade ao mundo: o amor. Nele depositava-se esta esperança, em sua forma mais intensa: os fortes laços a unirem Ivy Walker (Bryce Dallas) e Lucius Hunt (Joaquin Phoenix). Ivy, que perdeu a visão ainda na infância, apaixona-se por Lucius enquanto mantém uma forte amizade fraternal com Noah Percy (Adrien Brody), jovem com problemas mentais. Ao saber do recente noivado entre os dois, enciumado, Noah “decide” matar Lucius. Ferido com perfurações de faca no estômago e região do peito, Lucius agoniza por falta de apoio médico adequado, única forma de salvar-se.

Neste cenário, o principal articulador da comunidade, Edward Walker, divide-se entre a manutenção do segredo e a vida de Lucius, grande amor de sua filha, determinada a ir “às cidades” em busca de medicamentos. Alinhando à decisão de Ivy, Walker vê-se premido a contar a verdade e correr o risco de pôr tudo à perder. Pois, acreditava ele, “o mundo se move por amor, ajoelha-se diante dele em reverência”. Ivy parte. Uma espécie de Beatriz vivendo as provações de Dante, um Tirésias adivinhando os caminhos. No meio da jornada, depara-se com Noah. Com medo e sem saber de quem se trata, temendo por sua vida, Ivy elabora uma armadilha envolvendo uma enorme cratera na qual quase caíra durante o percurso. Consegue o desejado, causando a morte de Noah. Segue até a cidade, onde encontra um vigilante das fronteiras da propriedade.

Num momento de tensão, Ivy acaba de abrir uma esfera de relacionamento com pelo menos 6 bilhões de possibilidades. Ao comunicar-se com Kevin, descobre que ele “tem bondade na voz (...) [ e ela] não esperava por isso”. Ivy<sup>52</sup> está a um passo de explodir sua microesfera. Mas recua, e volta a cidade, trazendo o remédio e o reforço dos laços comunitaristas. A morte de Noah, transformada em assassinato primordial, em que pese o fato de ter sido atribuída aos seres da floresta, restabelece a união em torno do objetivo comum: proteger a inocência.

## CONCLUSÃO

Concluimos, então, por uma por uma certa continuidade no pensamento de Sloterdijk (2004) referentes às Cidades-Deus antigas (o autor refere-se principalmente às cidades mesopotâmicas), e as “comunidades fechadas” pensadas pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2007). A primeira caracterizada por muralhas intimidadoras e reveladoras tanto da *hybris* dos cidadãos quanto da própria presença de Deus, agindo através do homens. Na análise de Bauman das cidades modernas, vemos ainda os muros intimidadores mas, dessa vez, propondo também uma invisibilidade social justamente por seu tom ameaçador. Em ambos os casos, as construções acusam uma impotência causada por algo ainda mais primário, ou seja, uma sempiterna insegurança ontológica, contra o qual a humanidade vem lutando de diversas maneiras no decorrer dos tempos.

No nosso trabalho, tentamos relacionar estes fatores (as cidades antigas e modernas e a insegurança) com o filme *A Vila*, por reconhecermos nele traços do que acima foi tratado. Uma comunidade fechada criada em moldes antigos em pleno século XXI, no coração dos Estados Unidos<sup>53</sup>, revela até que ponto pode chegar a perigosa paranóia fascista por segurança, expurgando de uma vida entre iguais os elementos que não se enquadrem nos padrões de normalidade de determinado grupo. O pior é descobrir, às vezes tarde demais, que a separação entre loucos e sãos não é tão simples quanto se pensa, e que

---

<sup>52</sup> Hera, em português, erva daninha prestes a liquidar os planos cultivados pelos anciãos.

<sup>53</sup> Tratamos de um filme por ele nos dar mais elementos de análise, mas a criação de comunidades radicalmente divergentes com o estilo de vida da sociedade moderna é comum. Algumas propondo inclusive o suicídio coletivo ou a matança de pessoas, como no caso de Charles Manson. E conseguindo! Os meios de comunicação de massa vez por outra noticiam estes acontecimentos.

não existe sociedade sem perversões. Pelo menos até o momento, o processo de construção de esferas em teorias filosóficas, teológicas ou murais vêm fracassando de forma contumaz. A vila é um projeto fadado ao fracasso e destinado a produzir a loucura numa vida sem riscos e entediante. Mas a esperança ainda jaz no amor e no ser humano. Assim como Colombo rasgou o mar enfrentando os monstros da época, alguém um dia atravessará Covington. Contra tudo e contra todos.



## REFERÊNCIAS

BAUMAN, ZYGMUNT. **Em Busca do Político**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BAUMAN, ZYGMUNT. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, ZYGMUNT. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas II. Globos. Macroesferologia**. Madrid: Siruela, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. **Palácio de Cristal. Por uma Teoria Filosófica da Globalização**. Lisboa: Relógio D'Água, 2008.

**A Vila**. Direção de M. Night Shayamalan. EUA, 2004. DVD (120 min.): cor. Título original. *The Village*.